

A região turística da Baixada Fluminense (RJ): entre o verde e a violência

The tourist region of Baixada Fluminense (RJ): between Green and Violence

La Región Turística de la Baixada Fluminense: entre Verde y Violencia

Fausi Kalaoum¹
Luiz Gonzaga Godoi Trigo²

Este artigo foi recebido em 25 de julho de 2019 e aprovado em 19 de julho de 2021

Resumo: A Baixada Fluminense, localizada no entorno da cidade do Rio de Janeiro e integrada como região metropolitana em conjunto com a capital, é retratada no imaginário e no real como território de subdesenvolvimento, atraso, pobreza e violência. Apesar dessa realidade violenta, no segundo semestre de 2017, dez dos treze municípios da Baixada Fluminense foram agrupados ineditamente em uma nova região turística do estado, batizada como Baixada Verde. O objetivo principal desse trabalho foi investigar os principais entraves ou pontos fracos para o desenvolvimento do turismo na região. A partir da suposição de que a violência e a ausência de segurança pública são os principais problemas para o desenvolvimento da atividade turística, a metodologia desse trabalho foi delineada. Foi utilizada nessa pesquisa revisão de literatura a respeito da história e da violência na Baixada. Como principal técnica que levou à análise e discussão de resultados está a aplicação de entrevistas estruturadas e com 8 entrevistados escolhidos não aleatoriamente, mas devido aos cargos de trabalho que ocupam e posteriormente analisadas sob a ótica da análise de conteúdo. O resultado alcançado reforça a suposição da violência como problemática, mas tem destaque em outros achados como a falta ou precária tanto infraestrutura, quanto planejamento, além de pouco investimento e falta de vontade política de desenvolver o turismo na região. **Palavras-chave:** Baixada Fluminense. Baixada Verde. Turismo. Violência.

Abstract: The region known as Baixada Fluminense, located around the city of Rio de Janeiro and integrated as the metropolitan region of the capital, is portrayed in the imaginary and in reality, as an underdeveloped, backward, poor, and violent territory. Despite this violent reality, in the second semester of 2017, ten of the thirteen municipalities of the Baixada Fluminense were grouped in a new touristic region of the state of Rio de Janeiro, named as Baixada Verde. The main objective of this paper was to investigate the principal obstacles or weaknesses to the tourism development. From the assumption that the violence and the absence of public security are the main obstacles to the development of the touristic activity, the methodology of this research was outlined. To the construction, the literature review about the history and the violence in Baixada Fluminense was consulted. The technique that conducted the analysis and the discussion of the results was the structured and semi-structured interview with eight not random persons. The criterion utilized to pick them was the job role of each interviewee, and the analysis technique chosen was content analysis. The result points that the initial assumption was proven, but there are other factors that harms the tourism development as such: absence or lack of infrastructure; planning, investments and also political will.

Keywords: Baixada Fluminense. Baixada Verde. Tourism. Violence

Resumen: La Baixada Fluminense, localizada alrededor de la ciudad de Río de Janeiro e integrada como una región metropolitana junto con la capital, se presenta en lo imaginario y lo real como un territorio de subdesarrollo, atraso, pobreza y violencia. A pesar de esta realidad violenta, en el segundo semestre de 2017, diez de los trece municipios de Baixada Fluminense estaban agrupados en una nueva región turística del estado, llamada Baixada Verde. El principal objetivo de ese trabajo es investigar los principales obstáculos o debilidades para el desarrollo turístico. Suponiendo que la violencia y la falta de seguridad pública son los principales obstáculos para el desarrollo del turismo, se describió la metodología de este trabajo. Esta investigación utilizó una revisión de la literatura sobre la historia y la violencia en la Baixada. La técnica principal que llevó al análisis y discusión de los resultados es la aplicación de entrevistas estructuradas y semiestructuradas con 8 entrevistados elegidos no al azar, pero debido a los puestos de trabajo que ocupan. Se utilizó el análisis de contenido en las entrevistas. El resultado de esta investigación prueba la suposición inicial, pero también apunta para otras problemáticas como la ausencia o débil infraestructura, planeamiento e investimentos, además la ausencia de voluntad política.

¹**Formação/curso:** Doutorando em Turismo. **Instituição:** Universidade de São Paulo – São Paulo. **E-mail:** f.kalaoum@hotmail.com

²**Formação/curso:** Doutor em Educação. **Instituição:** Universidade de São Paulo – São Paulo. **E-mail:** trigo@usp.br

A REGIÃO TURÍSTICA DA BAIXADA FLUMINENSE (RJ): ENTRE O VERDE E A VIOLÊNCIA

Palabras Clave: Baixada Fluminense. Baixada Verde. Turismo. Violencia.

1 Introdução

A região conhecida como Baixada Fluminense está inserida no território metropolitano do estado do Rio de Janeiro. Silva (2017) compreende como Baixada Fluminense todo o território originado a partir da fragmentação do antigo município de Iguaçu, dando origem às municipalidades de Queimados, Mesquita, Belford Roxo, Japeri, Nilópolis, Nova Iguaçu, Duque de Caxias e São João de Meriti. Pela perspectiva da historiadora, a noção e o uso de “Baixada Fluminense” apenas reintegram, pelo aspecto político-territorial, um território que fora único até o século XX (período no qual as fragmentações deram início). Souza e Barbosa (2013) afirmam que não há reconhecimento por nenhum órgão oficial do que venha ser a Baixada, contudo, Rodrigues (2017) indica que a Administração Pública do estado do Rio de Janeiro reconhece os limites para a região em 13 municípios. Para Souza e Barbosa (2013, p.832) “essa representação pode estar vinculada ao contexto político que impera nos municípios que fazem parte da região em questão, desdobrando-se em representações do poder político da Baixada Fluminense”.

A historiografia descreve o local com períodos alternados de demografia moderada e o esvaziamento populacional. Silva (2017) esclarece que esse processo pode ter acontecido em razão de alguns fatores, como o início da construção da estrada de ferro Dom Pedro II (Central do Brasil) que ocasionou o esvaziamento do escoamento de produção pelas áreas alagadas em diversas freguesias. Outro fator que contribuiu para o esse acontecimento entre meados do século XIX e início do século XX foram os surtos de doenças, sobretudo de malária. Um trabalho publicado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC RIO, s.d., p.29) afirma que o processo posterior de expansão da linha férrea em direção a Baixada de Guanabara criou um dinamismo populacional oposto: as regiões adjacentes começam a ser habitadas em um processo massivo de loteamento pelas populações mais carentes economicamente.

A partir da primeira década do século XX, a população de Iguaçu tem crescimento contínuo. Com o posterior desmembramento do território (em municipalidades) no fim do século XX e início do século XXI, a Baixada Fluminense tornou-se populosa e muitos de seus municípios apresentaram movimento pendular da população à cidade do Rio de Janeiro em busca de emprego. Municípios como Queimados e Japeri são ainda consideradas municípios-dormitórios, pois parte de sua mão de obra precisa se deslocar da cidade até a capital em busca de emprego e por outros motivos, como educação, entretenimento e lazer. O crescimento populacional da região não foi acompanhado por políticas públicas de desenvolvimento local e ordenamento urbano, ao invés disso, Silva (2017) esclarece que a

A REGIÃO TURÍSTICA DA BAIXADA FLUMINENSE (RJ): ENTRE O VERDE E A VIOLÊNCIA

proximidade da Região com a porção de terra do Rio de Janeiro criaria um cenário de fluxo migratório e urbanização desordenada. De acordo com um estudo realizado pela PUC Rio:

O perfil socioespacial que a região da Baixada Fluminense representa é originado a partir da expansão urbana que não seguiu o padrão cosmopolita da capital federal da época e sim de uma cultura ligada ao padrão colonialista que a região em questão foi historicamente marcada. Desta forma, o que atualmente é conhecido como Baixada Fluminense, mesmo integrada ao núcleo urbano carioca, onde benesses destinadas a uma metrópole em desenvolvimento estiveram voltada à lógica político-administrativa nacional e não à dinâmica metropolitana per si, promoveram as disparidades socioespaciais no âmbito da RMRJ (PUC, s.d., p. 44).

Dessa maneira, a Baixada Fluminense é uma região estigmatizada como de abandono do poder público, resultando em problemas de infraestrutura básica, mobilidade, saúde, educação e segurança pública. Rodrigues (2017) aponta, ainda que de maneira hiperbólica, que a Baixada Fluminense figura no imaginário nacional e “talvez mesmo no internacional” (sic) como região caracterizada pelo alto índice de incidências criminais violentas e pela articulação de grupos criminosos organizados. De acordo com o autor, as ações desses grupos não acontecem de maneira desinteressada e historicamente essas se manifestam como capital nas arenas políticas:

Em contraste com a muito variável e atribulada história da Baixada, dois eixos parecem possuir certa permanência: o nexos entre a constituição dos poderes políticos locais e o uso de métodos violentos, como os assassinatos; e a condição periférica em relação à cidade do Rio de Janeiro. Esses dois aspectos das circunstâncias políticas, econômicas e sociais da região [...] são fundamentais para a compreensão de como se engendram as lógicas criminosas que fazem da Baixada uma das regiões mais violentas do estado, apresentando um patamar quase que constante da alta letalidade violenta, há décadas (RODRIGUES, 2017, p. 105).

O estigma do imaginário da Baixada como local de violência – muita das vezes letal – não se configura como causa, mas como consequência de uma disputa de territórios políticos e de poder: “Sobre as estruturas de poder instituídas na região, determinadas estratégias de atores sociais se fazem importantes para a consolidação e reprodução das práticas políticas ligadas ao conhecido coronelismo urbano” (SOUZA; BARBOSA, 2013, p.838).

Há ainda uma ampla distribuição que ajuda a construir o imaginário do Rio de Janeiro – entendido como um todo – como centro de violência. Na filmografia, filmes como *Tropa de Elite 1 e 2* (2007 e 2010, respectivamente), *Cidade de Deus* (2002) retratam, entre o real e o ficcional, a superestrutura da violência na cidade. Nos noticiários, é cotidiano assistir e ler sobre variadas formas e composições de atentado contra a vida.

Apesar desse processo histórico de formação em função ao Rio de Janeiro, a região da Baixada vem, ainda que lentamente, passando por mudanças políticas-institucionais e econômicas que permitem alterar, em certa medida, a estereotipagem negativa atrelada à região. Para Rocha (2015), o movimento pendular da população da Baixada em direção à cidade do Rio de Janeiro se torna menos forte a partir

A REGIÃO TURÍSTICA DA BAIXADA FLUMINENSE (RJ): ENTRE O VERDE E A VIOLÊNCIA

da década de 1980, uma vez que parte da força de trabalho da região é absorvida por Nova Iguaçu e Duque de Caxias. Outro acontecimento importante é o caso da expansão das Instituições de Ensino Superior por todo território, ou a ampliação do distrito industrial em Queimados – criado em 1976 –, que gera oportunidades de ensino e emprego dentro da própria Baixada Fluminense.

Entre essas mudanças, no segundo semestre de 2017, um processo político inédito se iniciou na Baixada Fluminense: a criação da microrregião turística conhecida como Baixada Verde. A investida aconteceu com o suporte da Secretaria Estadual do Rio de Janeiro (Setur) e envolveu dez municípios da BF, sendo eles: Duque de Caxias, Nova Iguaçu, Magé, Queimados, Belford Roxo, Mesquita, Nilópolis, São João de Meriti, Seropédica e Japeri.

A justificativa e suposição inicial dessa investigação parte do pressuposto da violência como fator limitante ou impediante para o fomento do turismo na região turística. O objetivo principal desse artigo é o de investigar os principais entraves para o desenvolvimento de políticas públicas de turismo e a atividade de fato. Com abordagem qualitativa, foram utilizadas as seguintes técnicas de pesquisa: investigação bibliográfica a respeito da historiografia da Baixada Fluminense, além de referências que tratem da violência urbana e da construção da Baixada como território violento; também foram consultadas fontes primárias de dados, como o Atlas da Violência (2018 e 2019); e, por fim, aplicada a entrevista estruturada com oito atores sociais. Os sujeitos escolhidos para a realização da entrevista são secretários de turismo dos municípios da Baixada Verde, administradores públicos e profissionais envolvidos com questão de segurança pública. A técnica escolhida para analisar os dados obtidos foi a de análise de conteúdo.

Sobre os resultados esperados e obtidos: confirmou-se a violência como um dos fatores de limitação para a implementação de políticas públicas na região, mas outras descobertas foram feitas. A ausência ou fraca infraestrutura básica e turística; falta de planejamento; pouco recurso financeiro; e a supressão da vontade política (grifo nosso). Em relação à essa última, por meio das falas dos secretários municipais de turismo, notou-se que apesar da criação de subpastas de turismo nos municípios (sendo esse um dos critérios mandatórios para suas respectivas integrações em uma região turística), a atividade ainda é vista como marginalizada e, possivelmente, como uma fraca fonte de acúmulo de capital político.

2 Revisão de literatura

De acordo com dados do Plano Estratégico da Baixada Verde (2017) – criado em parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio a Pequenas Empresas (SEBRAE), a região metropolitana preserva 36,27% da área verde e cerca de 1/3 desse território é encontrado na Baixada, o que justifica a escolha do nome para a região. Já de acordo com a Companhia de Turismo do Estado do Rio de Janeiro (Turisrio, 2018)

A REGIÃO TURÍSTICA DA BAIXADA FLUMINENSE (RJ): ENTRE O VERDE E A VIOLÊNCIA

municípios como Nova Iguaçu apresentam 66% do seu território coberto de áreas verdes, incluindo variadas Unidades de Conservações (UCs) como parte da Reserva Biológica do Tinguá (Rebio Tinguá), algumas Áreas de Proteção Ambientais (APAS) e o Parque Natural Municipal de Nova Iguaçu. Ainda de acordo com a Turisrio, outro município com destaque é o de Duque de Caxias, apresentando cerca de 44% do seu território de áreas verdes.

Além dos dois municípios, os outros que integram a nova região turística apresentam características interessantes e variadas que podem ajudar a desenvolver a atividade turística no âmbito regional e até mesmo a capacidade de criar um roteiro turístico: em Japeri, por exemplo, é possível realizar voos de asa-delta e outras modalidades de esportes de aventura; já Nilópolis é o município da famosa escola de samba Beija-Flor de Nilópolis; Seropédica é conhecida pelo cultivo do bicho-da-seda e local onde o principal Campus da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) está localizado; Magé, por sua vez, possui diversos atrativos naturais.

O objetivo da criação da Região Turística foi incentivar a atividade turística na Baixada Fluminense, apoiando-se em dois fatores: o primeiro deles diz respeito ao próprio nome da região, o verde de mata atlântica preservada da região que pode funcionar como atrativo turístico; em segundo lugar, pela proximidade da Baixada Verde com a capital do estado, já que a Baixada Fluminense integra o que é conhecida como a Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

Perto de completar quatro anos desde a sua institucionalização e com um pouco mais de dois anos desde o lançamento do Plano Estratégico de Turismo da Baixada Verde – produto resultado do empenho da administração pública em conjunto com professores da UFRRJ e do Sebrae –, não há ainda estudos consistentes que demonstrem a conformação da Instância de Governança Regional de Turismo e/ou os resultados alcançados pela implementação de políticas públicas até agora.

Thomas Dye definiu que política pública pode ser compreendida como tudo aquilo que um governo decide fazer ou não (HOWLETT *et al*, 2013). Por essa perspectiva, existem três características para se identificar uma política pública: em primeiro lugar deve-se reconhecer como agente primário o governo; em segundo, deve ser compreendida como um consenso governamental na tomada de decisão não apenas no que se pretende fazer, mas também o que não se pretende fazer. Esse consenso, entretanto, não ocorre sem que haja conflitos nas arenas políticas, pois dada a complexidade de grupos de agentes e de interesses, as tomadas (e não tomadas) de decisões são acontecimentos complexos que surgem da supressão da vontade de uns para a realização da vontade de outros; finalmente, política pública é uma tomada de decisão consciente. Para Dias e Matos (2012, p.12) “São as ações ou não pelos governos que deveriam estabelecer condições de equidade no convívio social, tendo por objetivo dar condições para que todos possam atingir uma melhoria da qualidade de vida compatível com a dignidade humana.”

A REGIÃO TURÍSTICA DA BAIXADA FLUMINENSE (RJ): ENTRE O VERDE E A VIOLÊNCIA

No que diz respeito ao turismo, Lohmann e Panosso Netto (2012) afirmam que política pública de turismo pode ser compreendida como o direcionamento dado pelo Governo Federal, estadual, municipal ou regional para o fomento do turismo. Para isso, é necessário que haja a consulta dos representantes do setor turístico e da sociedade. Aborda-se como política pública, portanto, toda ação executada – ou não – por um grupo de agentes inseridos no governo, pertencentes ou não aos diferentes setores e que busquem alterar a realidade de um local, visando o bem comum dos grupos que fazem uso dos espaços onde a política é executada.

As políticas públicas de turismo estão inseridas em um contexto macro: o de planejamento turístico. De acordo com Fratucci et al. (2020), esse pode ser entendido como a vontade de realizar intervenções para preparar e ordenar o território para que a atividade turística ocorra. O planejamento turístico, por sua vez, tem como principal objetivo minimizar os impactos negativos e maximizar os impactos positivos (BRAGA, 2007) e para que isso ocorra é necessário que haja a participação de um grupo variado de profissionais e outros atores (FRATUCCI ET AL., 2020). Para Braga (2007), existem três formas de planejamento turístico: o planejamento preventivo que “é realizado para estruturar [...] a localidade, visando desenvolver a atividade turística de forma ordenada e controlada, de acordo com os ditames da sustentabilidade” (BRAGA, 2007, p.8); o planejamento corretivo que “tem a função de melhorar a situação da atividade turística, otimizando potencialidades e revertendo os quadros de insucesso e decadência” (BRAGA, 2007, p.8) e, por fim, o planejamento misto que “Conjuga as ações preventivas e corretivas, é o mais comum porque, mesmo em um trabalho de planejamento preventivo, existem situações que exigem direcionamentos corretivos” (BRAGA, 2007, p. 8).

A execução de políticas públicas e o envolvimento de diferentes grupos, como burocratas, sociedade civil e mercado são fatores decisivos que podem contribuir para o processo de turistificação de um espaço, isso pois, a indústria do turismo é formada por inúmeros elementos e sujeitos que podem ser compreendidos como um sistema (BENI, 2008). Apesar de serem fundamentais no processo de reterritorialização, é preciso que haja sinergia, pois, do contrário, as ações podem resultar em nenhuma mudança no planejamento e execução da atividade. Por exemplo, a institucionalização de uma região turística por si só não garante que o território (região) seja turistificada. É preciso ir além.

O “nascimento” da Baixada Verde foi marcado em seus meses iniciais por eventos em formato de Fórum, ou seja, com livre participação e acesso de grupos interessados no tema, podendo estes estarem ligados diretamente à atividade turística ou não. Nos quatro meses que seguiram (de julho a

A REGIÃO TURÍSTICA DA BAIXADA FLUMINENSE (RJ): ENTRE O VERDE E A VIOLÊNCIA

outubro de 2017), essas reuniões ocorreram em diferentes cidades da Baixada, na seguinte ordem: Duque de Caxias; Queimados; Nova Iguaçu; e Seropédica. Os encontros organizados pelos secretários municipais de turismo, contando com a presença de outros atores políticos – como prefeitos ou vereadores –, acadêmicas – docentes do curso de turismo da UFRRJ –, e grupos de interesse – turismólogos, grupos de artesãos –, tratavam basicamente da apresentação de recursos e atrativos turísticos da região.

Após o quarto mês, os encontros assumiram o formato de um conselho, não sendo mais amplamente divulgados e contando apenas com a participação de convidados. Assim, os grupos de interesse da sociedade civil ou sem ligação estrita com o poder público tiveram a participação inibida. Nessa etapa, o Sebrae surgiu como interessado e se torna o responsável pela produção do já citado Plano Estratégico da Baixada Verde. Atualmente, quase três anos após a formalização e institucionalização como Região Turística, a Baixada Verde ainda caminha a passos lentos no que diz respeito de atuação e implementação de políticas públicas de turismo.

A Baixada Fluminense – porção de terra onde a Baixada Verde está inserida – é reconhecida e retratada – com importante participação dos canais de mídia – como um território de violência, pobreza e subdesenvolvimento. Para Gullo (1998, p.105), “a violência, considerada como um fenômeno social, é analisada com um filtro que permite esclarecer certos aspectos do mundo social porque denota características do grupo social e revela seu significado no contexto das relações sociais”. Para Misse (2002, p.1), a violência significa “o emprego da força ou da dominação sem legitimidade” e para Chauí (1999) “todo ato de violação da natureza de alguém ou de alguma coisa valorizada positivamente por uma sociedade”. Dessa forma, adotamos nesse artigo a concepção de violência como uma manifestação social, inerente às sociedades urbanas de modo de produção capitalista, que se manifesta como ação de força ilegítima de um grupo sobre o outro com o objetivo de dominação.

O termo “violência”, sobretudo a urbana é regularmente utilizado de maneira superficial e insuficiente para retratar a multiplicidade de eventos que podem nela estar contida, como retrata Misse (2002, p.1), “A violência urbana diz respeito a uma multiplicidade de eventos (que nem sempre apontam para o significado mais forte da expressão violência) que parecem vinculados ao modo de vida das grandes metrópoles na modernidade”. Pode-se assumir que não há, pela perspectiva sociológica e também criminológica, apenas um tipo de violência. Um território pode, e assim o faz, manifestar diferentes formas de violência, ou seja, atentados ao bem estar da sociedade, ao longo de sua formação e das alterações de relações nele inseridas.

A partir de década de 1960, com a extensa atuação como grupos de extermínio na Baixada, a imagem de violência já estava fortemente associada a esse território (ENNE, 2004; GULLO, 1998). A atuação das milícias ocorria em um campo político-econômico e estava associada a disputa de terras

A REGIÃO TURÍSTICA DA BAIXADA FLUMINENSE (RJ): ENTRE O VERDE E A VIOLÊNCIA

(ALVES, 1998). A intensificação dos conflitos violentos nesse período se dá, não pela condição de pobreza e subdesenvolvimento da Baixada Fluminense (quando comparada com o Rio de Janeiro), mas por questões de acumulação de capital, ou seja, esses primeiros ciclos de confrontos nas terras da BF ocorrem regidas não por uma disputa de classes ou por condições precárias de vida – que tipificaria em crimes como assalto, latrocínio etc. – mas por um conflito instaurado dentro da lógica de acumulação capitalista, negando, assim, a tese da pobreza como resultante da violência (MISSE, 2005). Posteriormente, as milícias se tornaram grupos paraestatais não formais pela perspectiva institucional, mas legitimados e dotados de capital violento, com livre atuação pelo território:

A lógica da violência na formação desta periferia urbana se deu em diferentes níveis e momentos. Inicialmente, esteve associada à atuação das milícias vinculadas às empresas e grupos loteadores que retalhavam as terras de acordo com a resistência dos ocupantes anteriores. Estes, por sua vez, respondiam, em casos extremos, de forma armada, iniciando os conflitos que transformaram a Baixada numa área conflagrada (ALVES, 1998, p. 10).

Enquanto as décadas de 1990 e 2000 são retratadas como períodos de declínio do imaginário violento da Baixada (ENNE, 2004), a criação da dita política pública de segurança da cidade do Rio de Janeiro, a Unidade de Polícia Pacificadora (UPP), parece ter provocado impactos na BF. Miagusko (2016) aponta que o aumento de violência em regiões não pacificadas pode ser uma pista para tal resultado. As UPPs, portanto, parecem ter contribuído para processos de reterritorialização onde não estiveram presentes. Em sua pesquisa na BF, o autor ainda afirma que: “vários dos entrevistados percebiam o aumento da violência como consequência da migração de criminosos do Rio de Janeiro para a Baixada, sobretudo depois da instalação das UPPs” (MIAGUSKO, 2016, p. 4).

Corroborando com a pesquisa supracitada, é possível encontrar no *Google* diversas reportagens que tratam do confronto entre milícias e os comandos do tráfico, a saber: “Conflito entre tráfico e milícia pode ter motivado chacina em Belford Roxo” (01/07/2019); “Disputa entre tráfico e milícia explica ataques a bares da Baixada Fluminense” (13/10/2017); “Tráfico e Milícia disputam favelas no Rio em meio à pandemia de Corona vírus assim como na Baixada Fluminense e no Norte Fluminense” (06/04/2020). Assim, do fim da primeira década dos anos 2000 até os dias atuais, a violência na Baixada Fluminense se reconfigura a partir das disputas por territórios entre milicianos e traficantes do Comando Vermelho (CV) e Terceiro Comando Puro (TCP). Por uma perspectiva histórica esses conflitos se explicam a partir da quebra da hegemonia dos milicianos na Baixada Fluminense.

O Atlas da Violência 2018 produzido pelo IPEA ranqueou nacionalmente os municípios de população acima de 100.000 (cem mil habitantes) – totalizando 309 municípios – com maior taxa relativa de letalidade violenta³. Queimados ocupou a primeira colocação, com a média de 134,9 mortes

³Letalidade Violenta é um indicador para os crimes de: homicídio doloso (com intenção); latrocínio (roubo seguido de morte); lesão corporal seguida de morte; e por autos de resistência (morte por intervenção de agentes do Estado).

A REGIÃO TURÍSTICA DA BAIXADA FLUMINENSE (RJ): ENTRE O VERDE E A VIOLÊNCIA

para cada 100 mil habitantes. Japeri, que também integra a Baixada Verde, ocupou a sexta posição (95,5 mortes para cada 100 mil habitantes), tendo ainda Nilópolis na vigésima nona colocação (73,3). Já o mesmo documento produzido em 2019 demonstra uma queda na letalidade violenta de Queimados⁴ (115,6), que ocupa a sexta posição. Japeri deixa de estar entre os vinte mais violentos. De acordo com dados divulgados pelo Instituto de Segurança Pública (ISP, 2019), os índices de letalidade violenta reduziram no país no ano de 2019, o que corrobora com o resultado fornecido pelo IPEA. Mesmo com a queda dos índices de letalidade, a BV ainda é representada pela mídia como local de violência letal (chacinas, atentados contra a vida, local para desova de corpos etc.), sendo esse um potencial fator para o entrave do desenvolvimento do turismo (MACHADO; SOARES, 2010).

3 Metodologia

Optou-se pela abordagem qualitativa pela sua natureza investigativa que afasta uma visão positivista. De acordo com Kovacs et al. (2011, p. 21), outra característica da pesquisa qualitativa é:

[...] a construção da realidade, percebida como um ato subjetivo. A descoberta e a construção de teorias são objetos de estudo dessa abordagem. Também um aspecto deste tipo de pesquisa é que os dados coletados resultam em textos que, a partir de diferentes técnicas analíticas são interpretados hermeneuticamente (KOVACS et al., 2011, p. 21).

Sobre as técnicas selecionadas estão: pesquisa bibliográfica, sobretudo sobre os temas da violência urbana na Baixada e políticas públicas. Houve também consulta aos dados primários que dizem respeito à criminalidade e à segurança pública da região, como o *Atlas da Violência* (2018), elaborado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Ademais, a aplicação de entrevistas estruturadas e semiestruturadas com oito indivíduos entre 08/05/2019 e 16/05/2019, por meio de WhatsApp. A escolha da aplicação da técnica de entrevista ocorreu pela necessidade de colher dados que não podem ser encontrados em registros ou fontes documentais (BRAGA, 2007). O mesmo argumento é utilizado para explicar a escolha dos entrevistados: os mesmos detêm um conhecimento específico no que se trata de temas de interesse para a construção desse trabalho. Sendo assim, trata-se de uma amostra não probabilística intencional. Entre eles estão:

Entrevistado 1 - Coordenadora da Governança Turística Regional da Baixada Verde.

Entrevistado 2 - Secretário de Turismo de Queimados.

Entrevistado 3 - Superintendente de Turismo de São João de Meriti.

⁴A capital Rio de Janeiro apresentou, no mesmo ano, taxa de 35,6, ou seja, cerca de três vezes menos mortes relativas por 100 mil habitantes.

A REGIÃO TURÍSTICA DA BAIXADA FLUMINENSE (RJ): ENTRE O VERDE E A VIOLÊNCIA

Entrevistado 4 - Diretor de Turismo de Magé.

Entrevistado 5 - Diretora de Turismo de Nilópolis.

Entrevistado 6 - Assessora Técnica da Secretaria de Meio Ambiente e Defesa dos Animais (SEMADA) da prefeitura de Queimados.

Entrevistado 7 - Coordenadora do grupo de pesquisa do Observatório da Baixada Verde da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

Entrevistado 8 - Articuladora do Fórum Grita Baixada. Um grupo com objetivo de colher informações a respeito da violência e segurança pública da Baixada Fluminense e desenvolver projetos que deem visibilidade à discussão do tema de segurança pública na localidade.

Como forma de análise de dados, foi escolhida a análise de conteúdo, pois essa se constitui como uma metodologia de pesquisa utilizada para descrever e interpretar o conteúdo de uma classe de textos e/ou documentos (MORAES, 1999). A análise de conteúdo pode ser realizada em qualquer material com finalidade comunicativa, seja verbal ou não, incluindo reportagens em jornais, folhetos, conversas, entrevistas, ou como Bardin (1977) classifica: os domínios possíveis da aplicação da análise de conteúdo. Esclarece-se que por se tratar de um trabalho formatado em artigo e dado o limite máximo de palavras, apenas os trechos mais pertinentes das entrevistas foram utilizados para a composição desse texto, porém as versões integrais foram documentadas e salvas para investigações futuras.

4 Resultados e Discussão

O lançamento oficial da Região da Baixada Verde ocorreu em julho de 2017, no hotel Mont Blanc, no município de Duque de Caxias em formato de fórum. O evento em questão reuniu todos os futuros secretários da pasta de turismo dos dez municípios, o ex-secretário de turismo do Estado do Rio de Janeiro Nilo Félix, a professora doutora Isabela Fogaça do curso de bacharelado em turismo da UFRRJ (Campus Nova Iguaçu), profissionais da área e outros. De acordo com a gestora da Governança Regional da Baixada Verde (entrevistada 1), o processo político foi idealizado e institucionalizado da seguinte forma:

A Secretaria de Meio Ambiente, Agricultura, Desenvolvimento Econômico e Turismo de Nova Iguaçu foi convidada junto a outras Secretarias de Turismo dos municípios da Baixada para participar da reunião do Fórum Estadual de Secretarias de Turismo - FEST RIO na Companhia de Turismo do Estado do Rio de Janeiro – TurisRio em abril de 2017. A SEMADETUR, em sua apresentação, expressou a vontade de mobilizar os dez municípios que integram a Região Turística Baixada Fluminense para a profissionalização do segmento turístico, buscando o desenvolvimento econômico e sustentável da região. A partir dessa data, a mobilização foi iniciada e, em maio ocorreu a primeira reunião em Caxias com representantes de cinco dos dez municípios - Nova Iguaçu, Caxias, Magé, Mesquita e Nilópolis e também a presença do Diretor de Operações da TurisRio. Nessa reunião foi apresentada a necessidade

A REGIÃO TURÍSTICA DA BAIXADA FLUMINENSE (RJ): ENTRE O VERDE E A VIOLÊNCIA

da união dos municípios da Baixada para o desenvolvimento sustentável do Turismo e a TurisRio propôs a realização do Fórum Regional de Fortalecimento do Turismo do Rio de Janeiro para a Região Turística Baixada Fluminense. Em junho de 2017 passamos a contar com os dez municípios, destes, Queimados e São João não possuíam a pasta de turismo, contudo, entenderam a necessidade desta formalização e levaram ao chefe do executivo a proposta para que o setor de Turismo fosse incluído em suas cidades. No quinto encontro, em 2017, foi instalada a Instância de Governança. Foi pesquisado qual o melhor formato e a definição foi por um Conselho Regional. O Estatuto foi elaborado e no momento, o documento está tramitando nas Procuradorias dos dez municípios componentes. (ENTREVISTADO 1).

Visando aprofundamento ontológico da Região Turística, o seguinte questionamento foi feito: por que o nome “Baixada Verde” foi escolhido?

A nova denominação visa contribuir com o impulsionamento do turismo na região, considerando as extensas áreas naturais preservadas. Quando se fala de Baixada Fluminense, a expressão traz um estigma, um ranço muito forte. “Baixada Verde” nos remete à natureza, ao ecoturismo, cria uma visão positiva. O objetivo foi destacar recente estudo realizado pelo governo estadual, que constatou que a região metropolitana mantém 36,27% de seu território verde conservado. Do total, cerca de um terço, estão localizados na Baixada. (ENTREVISTADO 1).

O nome foi escolhido pela região obter 36% de área verde do estado do Rio. (ENTREVISTADO 2).

“Baixada Verde” pela concentração de áreas verdes nas nossas cidades. Os maiores parques municipais, parques nacionais, parques estaduais, APAS, estão aqui na Baixada. Ainda estão né? (ENTREVISTADO 3).

A denominação Baixada Verde foi com o intuito de dar uma nova conotação ao nos referirmos à Baixada Fluminense, remetendo à natureza e ao ecoturismo, proporcionando uma visão mais positiva e adequada ao potencial turístico da região, e completando assim o corredor verde. (Serra Verde Imperial, Baixada Verde e Costa Verde). (ENTREVISTADO 4).

De acordo com a Secretária Estadual de Turismo, ocorreu uma pesquisa das áreas verdes em todo o Estado do RJ e foi constatado que a maior concentração de áreas verdes seria na Baixada Fluminense, e claro uma perspectiva de marketing a fim de promover a região e tirar a imagem marginalizada que a periferia tem. (ENTREVISTADO 5).

[..] esse nome dá uma ideia de sustentabilidade. De poder explorar as áreas verdes que têm potencial dentro dos municípios, as Unidades de Conservação. E isso fazer com que os municípios presentes nesse complexo possam de fato conservar áreas verdes e explorar esse potencial, né? (ENTREVISTADO 6).

O nome “Baixada Verde” foi escolhido com o argumento de que dos 30 e tantos por cento das áreas remanescente de florestas do estado, 12%, aproximadamente, estaria na baixada. Mas, para mim é mais uma estratégia para mudar a imagem da região com um bom argumento, sua riqueza natural, bem diferente do ranço de desorganização, falta de segurança e problemas que ela tem. (ENTREVISTADO 7).

Aplicando a análise de conteúdo nas respostas das entrevistas, foi possível criar duas categorias que explicam a escolha do nome Baixada Verde. O quadro 1 apresenta as categorias, bem como o conceito norteador e as palavras-chaves (unidade escolhida para análise):

**A REGIÃO TURÍSTICA DA BAIXADA
FLUMINENSE (RJ): ENTRE O VERDE E A
VIOLÊNCIA**

Quadro 1 - Categorias explicativas do nome “Baixada Verde”

CATEGORIA: “NOME BAIXADA VERDE”	
Subcategorias	Palavras chaves
Criar uma imagem/ imaginário positivo	Estigma, ranço, criar, visão positiva, marketing, imagem marginalizada, periferia, estratégia, desorganização, falta de segurança, problemas
Total de áreas verdes	Território verde, área verde, parques municipais, parques estaduais, parques nacionais, Áreas de Proteção Ambiental (APA), natureza, ecoturismo, corredor verde, sustentabilidade

Fonte: Elaboração própria.

As palavras “estigma”, “ranço” e “falta de segurança” denotam e reafirmam a Baixada como território marginalizado. Já a palavra “positiva” indica uma necessidade ou a tentativa estratégica de mudança do imaginário da região. O entendimento de imaginário, por sua vez, não deve ser compreendido apenas no campo das ideias. Em entrevista publicada pela Revista FAMECOS (2001), Maffesoli afirma que o senso comum do imaginário aponta para a oposição do real, do verdadeiro. O imaginário seria, nesse sentido, algo sem consistência ou realidade, entretanto, o autor nega esse entendimento e acredita que o imaginário tem a capacidade de acionar o real e também o constrói. A partir desse entendimento é possível compreender que o imaginário negativo da Baixada, construído ao longo dos anos de sua história, não se manifesta como obra de ficção ou não-real, e sim como fato.

A introdução do “verde” parece não surgir apenas como indicativo de patrimônio e/ou atrativo turístico natural, mas como estratégia de marketing e além: a construção de uma nova identidade para o imaginário turístico em escala regional. Barbas e Graburn afirmam que:

O imaginário turístico representa uma parte específica da visão de mundo dos indivíduos ou de grupos sociais, de outros lugares que não aquele de sua residência principal, referindo-se aqui a contextos territoriais nos quais podem ocorrer alguns tipos de atividades de turismo e lazer. O imaginário turístico promove também a transição entre o aqui e o distante, o próximo e o exótico, o conhecido e o desconhecido. Ele intervém decisivamente na viagem. Sem o imaginário turístico, que seleciona a partir de uma gama de destinos mais desejados, o mais atraente ou o mais encantador, não pode haver qualquer projeto de viagem. Com efeito, o papel do imaginário turístico é, neste sentido, incontornável, uma vez que ele permite aos indivíduos aproximar-se do lugar turístico em suas várias dimensões, sem que seja perdida sua dimensão material e simbólica (BARBAS; GRABURN, 2012, p. 1).

Para Gastal (2005), há embutido nos deslocamentos a presença de imagem e imaginário. Imagens, ainda de acordo com a autora, dizem respeito ao contato visual de um determinado destino, enquanto o imaginário trata de sentimentos que são alimentados por redes de informações que ajudarão

A REGIÃO TURÍSTICA DA BAIXADA FLUMINENSE (RJ): ENTRE O VERDE E A VIOLÊNCIA

a construir um local como “romântico”, “perigoso”, “bonito” ou “civilizado”. A construção de imaginários, portanto, auxilia no induzir (ou demover) de fluxos turísticos em determinada localidade e, nesse sentido, conclui-se que a escolha do “Verde” para a Região Turística apresenta dupla função: a de evidenciar as áreas verdes – sobretudo de Mata Atlântica; e a tentativa de alterar o imaginário e, conseqüentemente, o imaginário turístico do local de “ranço” para um espaço “positivo” (como nas palavras dos nossos entrevistados).

Quando questionados sobre as principais dificuldades em desenvolver o turismo na região, as seguintes respostas foram obtidas:

Investimentos, segurança, ordenamento das atividades, consolidação dos destinos. (ENTREVISTADO 1).

Falta de verbas e infraestrutura em geral. (ENTREVISTADO 2).

Hoje são financeiras, já que a maioria dos municípios de nossa região está sofrendo muito com a crise instalada no país e principalmente no estado do Rio de Janeiro, ocupação desordenada das áreas com potenciais turísticos, com a degradação do ambiente, exploração sem nenhum retorno das riquezas que essas áreas possuem, falta de infraestrutura, todos esses desafios que devemos superar. (ENTREVISTADO 3).

Falando em relação à Magé, [...] acho que a falta de interesse ou conhecimento de gestões passadas, está sendo uma das dificuldades, o potencial turístico de Magé é notório, porém, desenvolver políticas públicas para o turismo, assim como melhorar a infraestrutura para receber turistas, não é algo fácil de realizar em curto prazo [...] (ENTREVISTADO 4).

A maior dificuldade é a falta de investimentos para desenvolver as regiões mais pobres. (ENTREVISTADO 5).

[...] a maior dificuldade de se conseguir explorar o ecoturismo nas unidades de conservação no município é a violência que existe. Já que tem Unidades de Conservação que estão presentes em áreas onde ocorre conflito entre tráfico e milícia e áreas onde existe potencial para se criar uma Unidade de Conservação para conservar a fauna e flora, no entanto tá sendo explorada pela área do tráfico, tá no complexo da área do tráfico. Falta a boa vontade também dos governantes [...] (ENTREVISTADO 6).

[...] a principal dificuldade é a ideia de turismo que os gestores e a própria população têm, os gestores municipais, não estou falando dos secretários de turismo, mas, especialmente, do poder executivo, os prefeitos, e o legislativo, alguns vereadores, não conseguem visualizar potencial turístico na região [...] A população tem uma autoestima muito baixa, [...] quando você pergunta: “você recomendaria algum local ou algum evento que acontece aqui no município para a visitação, a participação de um turista?” Eles logo respondem: “aqui não tem nada” [...] Outra dificuldade também muito grande para desenvolver o turismo na região é a infraestrutura [...]   coisa básica de infraestrutura. Se você for ver a infraestrutura de saneamento básico na baixada, que vai ter desdobramentos na contaminação dos cursos da água e no recurso natural é outro problema, nós temos quase zero de coleta e tratamento de esgoto na região, então isso tem desdobramento na poluição d’água e, obviamente, na imagem da região de suja desestruturada e tudo mais [...] outra dificuldade também muito grande [...] é a segurança ou ausência na região. Infelizmente essa é uma realidade, o que também contribui com a imagem negativa e com o medo das

A REGIÃO TURÍSTICA DA BAIXADA FLUMINENSE (RJ): ENTRE O VERDE E A VIOLÊNCIA

peças em ir visitar seus atrativos. A região tem áreas dominadas pelo tráfico de drogas e milícias. (ENTREVISTADO 7).

Na categoria “dificuldades de desenvolver o turismo” foi realizada uma análise utilizando como categoria não apenas palavras-chaves, mas também termos ou até mesmo orações inteiras. O Quadro 2 apresenta as subcategorias encontradas e os termos chaves:

Quadro 2 - Subcategorias dos principais entraves para o desenvolvimento do turismo na BV

CATEGORIA: “DIFICULDADES DE DESENVOLVER TURISMO”	
Subcategoria	Termos-chaves
Segurança Pública	Segurança, violência, tráfico, medo, milícias, droga
Vontade Política	Falta de interesse, boa vontade, município não se importa, não conseguem visualizar potencial (turístico)
Infraestrutura	Infraestrutura, saneamento básico, esgoto
Planejamento	Ordenamento, ocupação desordenada, degradação, consolidação, Plano de Manejo
Investimentos Públicos	Investimento, falta de verba financeira

Fonte: Elaboração própria.

Diante do cenário de extrema violência da Baixada, buscou-se entrevistar uma das articuladoras do Fórum Grita Baixada sobre qual ou quais grupos dominam os territórios da região:

[...] diferente do que a gente costuma ver no território da capital, os grupos dominantes, historicamente são grupos de milicianos [...] muito embora com a expansão da política das UPPS no Rio de Janeiro, o tráfico tenha se expandido para os territórios da baixada [...] A violência não só funciona como uma propaganda negativa pro local [...] a gente tem, em números, uma letalidade violenta na Baixada Fluminense que corresponde a basicamente o dobro da capital. [...] a baixada é o lugar do trabalhador, do pobre e é o território mais negro do Rio de Janeiro e aí, não por acaso as políticas públicas foram tocadas de forma proporcional a manutenção dessas questões, né? A manutenção dessa violência, a manutenção dessa pobreza, a manutenção dessa marginalidade. Não é por acaso que essas coisas acontecem e não é por acaso também que a Baixada Fluminense até hoje não desenvolveu seu potencial turístico. (ENTREVISTADO 8)

A questão da violência urbana nos municípios da BF/BV está fortemente atrelada com os conflitos armados entre tráfico e milícia e da ocupação de potenciais territórios turísticos por esses (sobretudo o tráfico), como informado pela E6 (e também pela E2 e E7, mas que foram trechos da entrevista suprimidos, devido a limitação de palavras exigida).

Apesar da confirmação da suposição inicial, há ainda importantes achados nas análises das entrevistas. Dentro de um espectro econômico, pode-se identificar a falta de investimentos e verbas que resulta em uma fraca infraestrutura e, em consequência, compromete o ordenamento e o planejamento dos espaços que podem se tornar turísticos. Concomitantemente, a falta de verbas destinadas para as subpastas do turismo (não há pasta exclusiva em nenhum município da BF/BV), surge como elemento

A REGIÃO TURÍSTICA DA BAIXADA FLUMINENSE (RJ): ENTRE O VERDE E A VIOLÊNCIA

aprofundador desses pontos fracos. A escassez financeira impede o desenvolvimento de projetos maiores que dependem de recursos dessa natureza, que inclui a própria expansão da rede de infraestrutura básica entre outros. De fato, o planejamento e implementação de ações destinadas ao desenvolvimento do turismo não estão exclusivamente vinculados à captação de recursos financeiros, mas é idealizador negar a importância desses, visto que mesmo que em seu planejamento e desenvolvimento mais sustentável possível, desvincular a esfera econômica do turismo é impossível. Isso ocorre devido ao capitalismo ser uma conjuntura quase que global (BENI, 2008).

Além desse aspecto, há ainda uma ironia contida na Governança Turística Regional: a partir das entrevistas realizadas, observa-se que há um esforço por alguns agentes da administração pública – geralmente os secretários ou outros cargos responsáveis pelo turismo – em alterar o imaginário e seu produto (a imagem) da Baixada Fluminense. Entretanto, um processo inverso ocorre por parte dos chefes do executivo municipal e também do legislativo que não acreditam no potencial da atividade turística, prejudicando o planejamento do turismo em espaços já legalmente reconhecidos, como o caso de Unidades de Conservação que não possuem planos de manejo (conforme a fala da E6). Essa contradição revela um aspecto complexo do planejamento e das implementações de políticas públicas, que é a grande variedade de interesses dos diferentes sujeitos envolvidos, como aponta Araújo (2006). A complexidade que envolve decisões que circulam não apenas dentro da esfera econômica, social ou ambiental, mas também no espectro político e que ainda tenham representantes de participação, como nos casos dos Conselhos Municipais de Turismo, não garante que os interesses sociais sejam atendidos. Por um viés sistêmico (BENI, 2008), a Organização Estrutural, que compreende a infraestrutura e superestrutura, é um ponto de intensa estrangulação no desenvolvimento turístico regional da Baixada Fluminense/Verde. Em particular, a superestrutura, diz respeito ao gerenciamento e administração da atividade.

Ocorre que dada a necessidade do uso racional de diferentes recursos – financeiros, humanos, técnicos – e ferramentas para organizar o planejamento turístico, a criação e institucionalização de órgãos e instituições para atender critérios burocráticos de regionalização, como o caso de conselhos de turismo municipais e a própria Instância de Governança Regional (IGR) sem o apoio do corpo legislativo e do dos chefes executivos, não são suficientes em garantir um processo de turistificação. A participação de diferentes atores e grupos sociais, como a sociedade civil e representantes de mercado, ainda que importante, enfraquece diante da apatia ou do descrédito político com o turismo.

Nesse sentido, é possível pensar no que Hobbes cunhou como sendo “vontade política” (ZARKA, 2001) para traçar uma investigação futura. Uma provocação final é que o turismo não é visto como relevante ou, utilizando as palavras de Foucault (2014) quando se refere à medicina psiquiátrica “nobre suficiente” para acumular capital que sirva para dar continuidade nas carreiras políticas ou possíveis reeleições dos ocupantes de cargos legislativos e executivos.

A REGIÃO TURÍSTICA DA BAIXADA FLUMINENSE (RJ): ENTRE O VERDE E A VIOLÊNCIA

6 Considerações finais

A historicidade da região conhecida como Baixada Fluminense indica um processo caótico de habitação e ocupação do território. A figura do Estado na região era representada pelos sujeitos que compunham grupos de extermínios. Assassinatos passaram a se configurar como capital político, permitindo a ocupação de cargos na administração pública pelos membros dos grupos de extermínios e, posteriormente, as milícias. Assim, o território da Baixada Fluminense não se configurou apenas como local de abandono, pobreza e subserviência econômica à capital, mas também de lócus de violência letal. Esse imaginário coletivo socialmente construído da Baixada Fluminense é também sinônimo de real que pode ser confirmada em números: em 2017, por exemplo, Queimados deteve um primeiro lugar em um ranking ultrajante: o município com maior taxa de morte violenta, sendo 134,9 para cada 100 mil habitantes. Mais preocupante ainda, é que dos 18 municípios com a maior letalidade violenta no estado do Rio, 9 integram a região turística da Baixada Verde, sendo a exceção Seropédica.

Em 2017, um processo inédito ocorreu na Baixada Fluminense: 10 dos 13 municípios foram agrupados em uma região turística, batizada de Baixada Verde. As investigações desse trabalho elencam ao menos duas suposições plausíveis para o nome escolhido: em obviedade, o nome tem relação direta a grande extensão de Mata Atlântica ainda existente na região. Contudo, parece haver também uma intenção de enfraquecimento dos estigmas da Baixada como antro de violência, ou nas palavras de duas das entrevistadas “ranço”. Assim sendo, essa investigação conclui uma tentativa do poder público em reconfigurar o imaginário da Baixada como antítese da morte, como local “Verde” (onde habita a vida).

Há muitos desafios para o desenvolvimento da atividade turística tanto em escala regional, quanto em escala municipal da Baixada Verde. Entre os problemas, cita-se: a falta de interesse político, o descrédito tanto do poder público, quanto da sociedade civil, a ausência ou precária infraestrutura tanto urbana como turística e a violência que se manifesta principalmente por disputas territoriais entre grupos armados. Portanto, afirmamos que a suposição inicial dessa investigação se apresenta como verdadeira, mas essa pesquisa identificou além.

Entre os elementos recorrentes nas falas dos agentes públicos surgem a falta de infraestrutura, planejamento e investimentos nas subpastas do turismo. Entretanto, o maior incômodo dessa investigação fica por conta da descoberta da pouca ou nenhuma vontade política – geralmente atrelada aos papéis dos chefes do executivo municipal e do poder legislativo – como problemáticas ou dificuldades. Seria o turismo tópico político marginalizado, abandonado pelos chefes de executivos e membros do legislativo, por não ter uma representatividade e tampouco apelo de campanha? E essa

**A REGIÃO TURÍSTICA DA BAIXADA
FLUMINENSE (RJ): ENTRE O VERDE E A
VIOLÊNCIA**

marginalização ocorre em escala regional apenas? Ou seria a reprodução de uma cultura em escala nacional que se adota e reproduz sistematicamente?

Uma luta contra o tempo histórico do passado – que estigmatiza a região como pobre, periférica e violenta – e o presente – que reafirma esses signos através da realidade violenta e letal – se faz necessária para dar consistência ao processo de planejamento e implementação de políticas, mas uma outra luta parece ser urgente: no campo político e sobre o interesse em desenvolver a atividade, de torna-la “nobre” o suficiente, ainda que essa não forneça capital político que atenda aos interesses pessoais dos agentes que estão inseridos nessas arenas.

Referências

- ALVES, J. C. S. **Baixada Fluminense: a violência na construção de uma periferia**. 1998. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 1998.
- ARAÚJO, L. M. Participação sociopolítica no planejamento turístico. **Turismo Visão e Ação**, Vale do Itajaí, v. 1, n. 1, p. 153-164, 2006.
- BARBAS, M. G.; GRABURN N. Imaginários turísticos. **Open Edition Journals**, n. 1, 2012.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: Senac São Paulo, 2008.
- BRAGA, D. C. **Planejamento Turístico: Teoria e Prática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.
- BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada e Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Atlas da Violência 2018**. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br>. Acesso em: 10 maio 2019.
- BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada e Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Atlas da Violência 2019**. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br>. Acesso em: 20 maio 2019.
- CHAUÍ, M. **Uma ideologia perversa**. Folha de São Paulo, São Paulo, Caderno Mais, 14 mar. 1999. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs14039904.htm>. Acesso em: 30 maio 2020.
- DIAS, R.; MATOS, F. **Políticas Públicas: princípios, propósitos e processos**. São Paulo: Editora Atlas, 2012.
- ENNE, A. L. S. Imprensa e Baixada Fluminense: múltiplas representações. **Ciberlegenda** (UFF), Rio de Janeiro, n. 14, 2004.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- FRATUCCI, A. C.; MORAES, C. C. A. Inventário da Oferta Turística: reflexões teóricas para o planejamento e ordenamento do espaço turístico. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, 2020.

**A REGIÃO TURÍSTICA DA BAIXADA
FLUMINENSE (RJ): ENTRE O VERDE E A
VIOLÊNCIA**

GASTAL, S. **Turismo, Imagens e Imaginários**. São Paulo: Aleph, 2005.

GULLO, Á. A. S. Violência Urbana: um problema social. **Tempo Social Revista de Sociologia**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 105-119, 1998.

HOWLETT, M.; RAMESH, M.; PERL A. **Política pública, seus ciclos e subsistemas: uma abordagem integral**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: cidades.ibge.gov.br. Acesso em: 10 maio 2019.

KOVACS, M. H.; BARBOSA, M. L. A.; SOUZA, A. G.; MESQUITA, A. E. P. Pesquisa em Turismo: uma avaliação das metodologias empregadas nos artigos publicados nos anais no triênio do seminário anual da Associação Brasileira de pesquisa e Pós-Graduação em Turismo – ANPTUR. **Revista Turismo**, Vale do Itajaí, v. 14, n. 1, p. 19-34, 2011.

LOHMANN, G.; PANOSSO NETTO, A. **Teoria do Turismo: Conceitos, Modelos e Sistemas**. São Paulo: Aleph, 2012.

MACHADO, M. B. T.; SOARES, C. A. L. O medo e a violência como fatores limitantes para o desenvolvimento do turismo em espaço urbano: um estudo sobre a cidade do Rio de Janeiro. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 7., 2010, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi.

MARUJO, N. A Pesquisa em turismo: reflexões sobre as abordagens qualitativa e quantitativa. **Revista de investigación em turismo y desarrollo local**, Málaga, v. 6, n. 14, jun. 2013.

MIAGUSKO, E. Esperando a UPP: Circulação, violência e Mercado político na Baixada Fluminense. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 31, n. 91, p. 1-15, 2016.

MISSE, M. Cinco teses equivocadas sobre a criminalidade urbana no Brasil: uma abordagem crítica, acompanhada de sugestões para uma agenda de pesquisa. In: SEMINÁRIO VIOLÊNCIA OU PARTICIPAÇÃO SOCIAL NO RIO DE JANEIRO, 1995, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: IUPERJ.

MISSE, M. Violência: o que foi que aconteceu? **Jornal do SINTURJ - Sindicato dos Trabalhadores em Educação** da UFRJ, Rio de Janeiro, v. 529, p. 4-5, 2002.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

PUC RIO - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. **A Região da Baixada Fluminense e sua condição de periferia metropolitana do estado do Rio de Janeiro**. S.d.

REVISTA FAMECOS. **O imaginário é uma realidade**. Porto Alegre, n. 15, agosto 2001.

ROCHA, A. S. Os efeitos da reestruturação econômica metropolitana na Baixada Fluminense: Apontamento sobre o “novo” mercado imobiliário da região. **Espaço e Economia: Revista brasileira de geografia econômica**, Rio de Janeiro, n. 6, 2015.

RODRIGUES, A. Homicídios na Baixada Fluminense: Estado, Mercado, Criminalidade e Poder. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, n. 31, p. 104- 127, 2017.

**A REGIÃO TURÍSTICA DA BAIXADA
FLUMINENSE (RJ): ENTRE O VERDE E A
VIOLÊNCIA**

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - **Plano Estratégico Baixada Verde Turismo**, 2017.

SILVA, L. Baixada Fluminense como vazio demográfico? População e Território no antigo município de Iguaçu (1890/1910). **Revista Brasileira de Estudos da População**, Belo Horizonte, v. 34, n. 2, 2017.

SOUZA, R. S.; BARBOSA, A. C. S. Representações da região da Baixada Fluminense: Refletindo sobre o papel do poder político familiar no município de Nilópolis/RJ. **Revista Geonorte**, Amazonas, v. 7, n. 1, p. 831-848, 2013.

TURISRIO – **Companhia de Turismo do Estado do Rio de Janeiro**. Disponível em: http://www.turisrio.rj.gov.br/detalhe_noticia.asp?ident=1363. Acesso em: 10 maio 2019

ZARCA, Y. Hobbes e a invenção da vontade política pública. **Discurso**, n. 32, p. 71-84, 2001.